

## Lembrar para sempre

Paulo Gadelha  
Desembargador Federal do  
TRF da 5ª Região

O mundo civilizado lembrou, no último dia 27 de janeiro, os 60 anos de extermínio de um milhão e cem mil pessoas – aí incluídos 900 mil judeus – em Auschwitz e em Birkenau.

As cenas ali perpetradas retratam os mais nefastos e sórdidos modelos de torpeza humana.

Metáfora à parte, Auschwitz é um retrato na parede que dói uma eternidade.

Urge rememorar o festival de barbaridades ali vivido, para não esquecê-lo nunca.

Não esquecer jamais, por exemplo, o Holocausto onde foram dizimados 6 milhões de judeus.

Lembrar, como cicatrizes que não secam, a liturgia de suplícios e maus tratos ali praticados.

As botas do fascismo e as hordas do nazismo fazendo escola no campo da iniquidade e do horror.

E os que viveram aquele inferno – 300 sobreviventes – alguns poucos foram às cerimônias, tocados pelo pesadelo que os acompanha como uma sombra da morte.

Daquelas cenas que machucam, *Diário de Uma Jovem*, escrito por Anne Frank, uma menina judia de apenas treze anos, é o mais vivo, autêntico e verdadeiro libelo contra o racismo.

Os Frank, judeus, antes da subida de Hitler ao poder, moravam na Alemanha.

Em 1930, com a guinada do *teórico da raça pura* à chefia política e administrativa da pátria de Karl Marx, a família deixa o chão germânico e foi recomeçar a vida na Holanda.

Com a ocupação da Holanda pelas hordas nazistas, os Frank foram sobreviver no esconderijo de um velho armazém num subúrbio de Amsterdam, durante dois anos.

Os amigos sustentaram, fornecendo à família comida, roupa e livros.

A Gestapo, como um cão farejador, em 1944, descobre o esconderijo, prendendo a todos.

Com a queda do *Terceiro Reich*, alguém encontra o Diário de Uma Jovem, um livro que fez história.

Tudo isso foi lembrado no dia 27 de fevereiro do corrente ano.

O registro, agora feito, tem um objetivo: para nunca ser esquecido.